

SATURNÁLIA - ESCOLA DE ASTROLOGIA & TAROT

DANIELA MENEZES

PICASSO VAI À GUERRA

CURITIBA
2022

DANIELA MENEZES

PICASSO VAI À GUERRA

Trabalho de Continuação
Celeste apresentado à
Saturnália – Escola de
Astrologia & Tarot sob
orientação da professora
Thamires Regina Sarti.

CURITIBA
2022



SATURNÁLIA - ESCOLA DE ASTROLOGIA & TAROT

A Comissão Julgadora dos Trabalhos de Conclusão de Curso, composta pelos professores a seguir descritos, em sessão pública realizada em 9 de dezembro de 2022, aprovou o trabalho “Picasso Vai à Guerra” redigido por Daniela Teles de Menezes na cidade de São Paulo.

Profª. Thamires Regina Sarti

Profª. Julia Garcia Oliveira

Profª. Julia Schmidt

CURITIBA
2022

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução total ou parcial do conteúdo deste trabalho sem prévia autorização do autor, do orientador e da Saturnália – Escola de Astrologia & Tarot. Sujeito às conformidades da lei dos direitos autorais nº 9610/98.

UMA BANDEIRA AZUL CELESTE

Estamos no ano de 2022. Pelas telas de nossos celulares, acompanhamos a guerra da Ucrânia, pequeno país da Europa invadido pela Rússia. Há alguns meses, somos bombardeados por notícias desse conflito, e suas imagens de horror já não nos perturbam mais como antes. Estamos entorpecidos.

Em meio à profusão de informações, uma em especial me chamou a atenção: “Mariupol é a nova Guernica”. Mariupol é uma pequena cidade, um dos principais palcos da invasão russa na Ucrânia. Já Guernica é o nome da obra mais famosa do pintor Pablo Picasso. Eu me perguntei então: o que uma obra de arte do começo do século 20 teria a ver com uma guerra do século 21?

Na tentativa de achar resposta para essa questão, encontrei outro relato intrigante. Vou descrevê-lo suscintamente aqui. Em 2003, antes da invasão do Iraque pelos EUA em resposta ao ataque às torres gêmeas, houve um pronunciamento do secretário de estado americano ao conselho de segurança da ONU. Minutos antes da coletiva de imprensa, contudo, alguém apontou um detalhe inconveniente – uma reprodução de Guernica na parede. Ah não! Mulheres gritando, casas em chamas! Que transtorno a presença daquela pintura. Seria melhor cobri-la. Assim, providenciaram uma bandeira azul celeste para mascarar o indecoroso quadro.

Inegável. A importância e atualidade da tal pintura pareciam bastante evidentes. Sua presença na sede da ONU, organização que agrupa lideranças de 193 países dos quatro cantos do globo, implica que esta tela se relaciona com as altas esferas do poder. E mais, ela rompeu fronteiras, indo além do contexto geopolítico em que foi produzida, o da guerra civil espanhola, entre 1936 e 1939. Há algo naqueles traços que desafia o poder, que perturba a ponto de tentarem censurá-los, calando-lhe com um manto em pleno século 21! O que Guernica escancara? O que grita?



Guernica, Musée National Picasso-Paris

Pois bem, vamos ao incômodo quadro! Tela de tamanho colossal, feita para ser observada de baixo para cima, do ponto de vista de quem está no chão, sofrendo o bombardeio. Ou seja, ela retrata a guerra do ponto de vista de quem é atacado em seu território, sua base, sua casa. Não da perspectiva do agressor, do alto de seus aviões. No primeiro plano, pilhas de corpos despedaçados se amontoam no chão. Mulheres fugindo com a boca escancarada em grito de dor. Civis sufocados em meio ao véu de fumaça e calor das bombas que caem do céu. Uma confusão de planos gera caos e pânico. Paredes e janelas às avessas não cumprem sua função de conter e proteger, mas obstruem e aprisionam, dando a sensação de sufocamento.

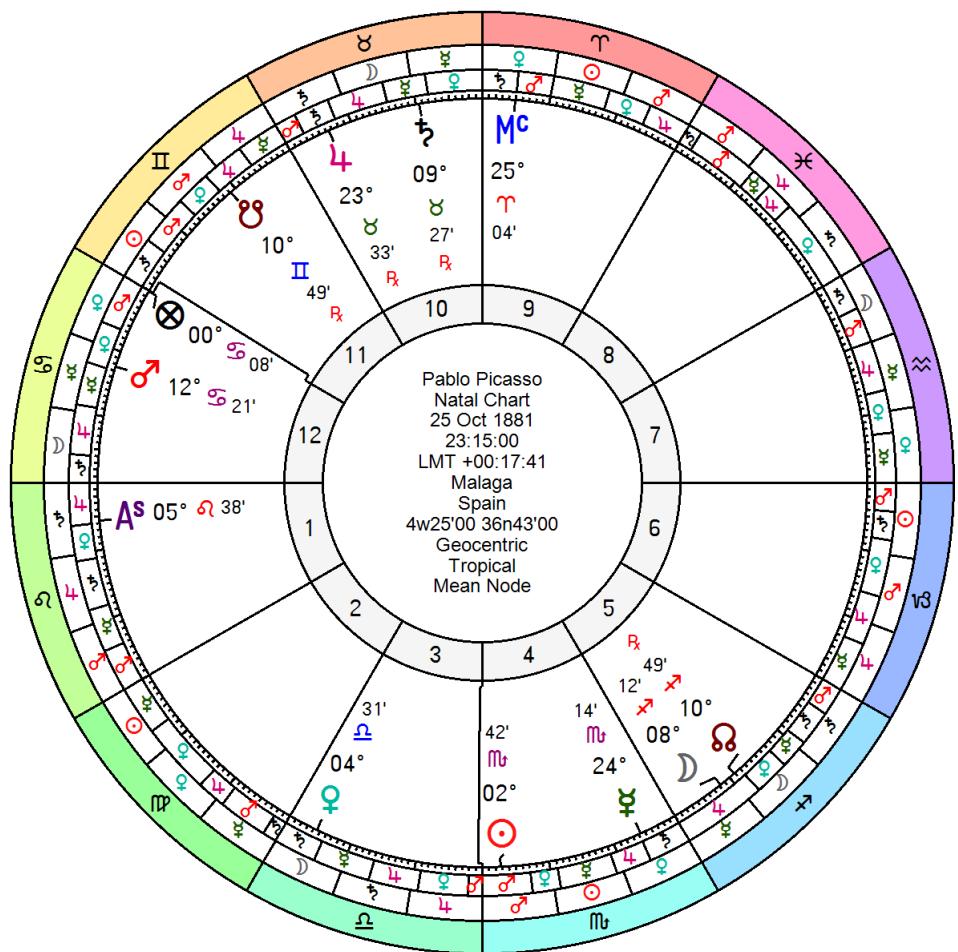


A criação de Guernica foi fotografada por Dora Maar, Museu Reina Sofía

Guernica, portanto, é uma grande denúncia em óleo e tinta, um clamor por justiça. Um registro que foi além do noticiário efêmero, da banalização do morticínio, como nos dias atuais, irrompendo os limites do tempo, um clássico. Uma tela viva que sobrevive ao tempo e que não se encaixa nos limites de um museu.

GÊNIO, DO DESTINO

Guernica, ao retratar a morte, reclama pela vida. Ao expor a violência, pede paz e justiça. A tela dá expressão aos que foram sufocados e é fruto da soberania de um gênio, mas aqui me refiro não ao pintor, mas sim ao Almuten Figuris, o gênio do destino.¹ Explico. Nas palavras do professor João Acuio, todo mapa conta uma história. Quando é mapa de gente, narra uma trajetória, um caminho, uma biografia. Almuten é o protagonista, o planeta-narrador, é a quem o nativo se dedica.



¹ O termo é cunhado por Ibn Ezra no século XI em seu Livro dos Julgamentos das Estrelas.

Pablo Ruiz Picasso nasceu em Málaga, dia 25 de outubro de 1881 às 23:15 horas. O Almuten de sua carta natal é Júpiter, o Grande Benéfico, aquele que faz a vida prosperar. Também é o planeta que rege a lei e a justiça. Júpiter está localizado no ponto mais alto do mapa, onde a luz do meio-dia celeste confere ao astro maior visibilidade e, com isso, mais força. Neste palco, a casa 10, ele eleva consigo os temas das casas que governa. Sob sua regência temos o signo de Peixes, que abre a casa 8, a das angústias e Sagitário, o da casa 5, a sua arte. No luminoso cenário da casa 10, Júpiter contribui para o que torna o nativo publicamente conhecido, ou reconhecido, isto é, a sua carreira.

Na casa 10 temos o forte signo de Touro, domínio de Vênus, conferindo a Júpiter lá posicionado, amor pela arte, apreço pelo que seduz o olhar, além de firme voz. Touro é signo do elemento terra, é sólido, ama o que persiste no tempo e são essas características que vão permear a sua carreira. Isso posto, podemos pensar numa arte que resista ao tempo, em contraposição ao frágil e efêmero, ou até mesmo num sentido político, uma arte como forma de resistência. Vênus, a regente de Touro, encontra-se dignamente domiciliada no signo da Balança, do justo equilíbrio, dos traços e das cores. Vênus em Libra, na sua casa 3, a das mensagens. É por ela que somos convidados a ouvir o que Picasso tem a dizer.

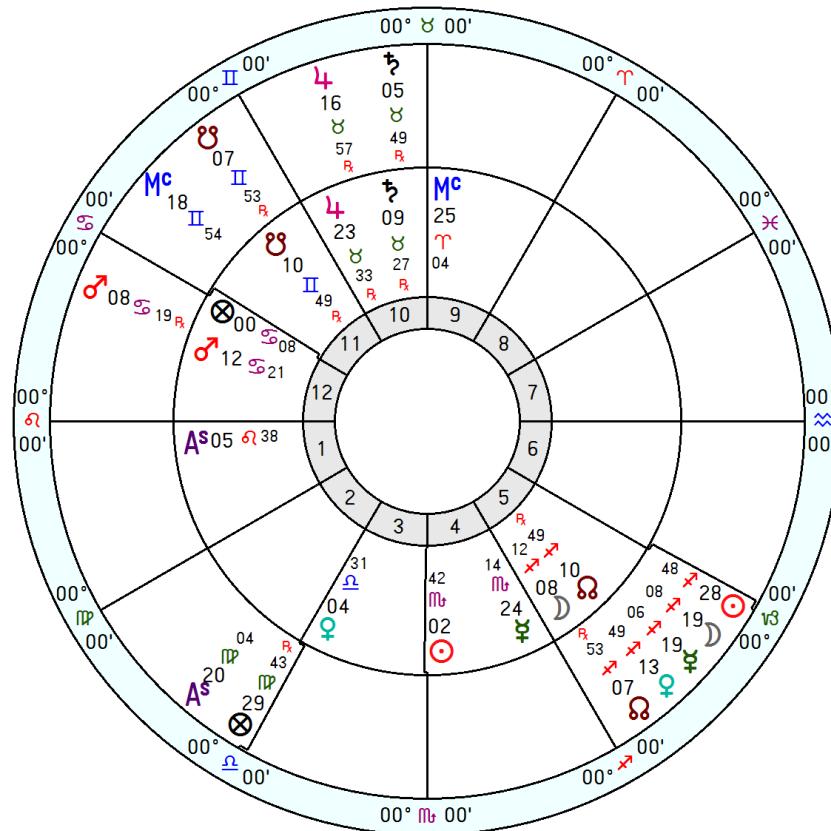
A Lua, no incansável signo de Sagitário, na quinta casa, a do fazer artístico, é tingida pelos altos ideais de Júpiter. Como nasceu à noite, a Lua e tudo que está sob seus desígnios na carta assumem maior protagonismo. Assim, além dos temas lunares como as memórias, as aflições da obscura casa 12 terão papel destacado em suas criações. Estes afetos, em ebullição nas altas temperaturas de um signo de fogo, vão acrescentar passionalidade e dramaticidade às suas criações.

Do exposto até aqui, vimos que quando Picasso dá vida às suas criações, e aqui me refiro ao que é gerado por sua casa 5, ele dá corpo ao próprio Júpiter, regente do signo de Sagitário e à Lua, que lá se encontra.

AS VOZES DO ALMUTEN

Progressão secundária é uma técnica preditiva que indica em que momento da história do nativo acontecimentos fundamentais o conduzem ao encontro com o destino. Ou seja, esse é um estudo do tempo que analisa o movimento dos planetas, cada um a seu passo, a partir do mapa de nascimento. Nesse sentido, do encontro de dois ou mais astros, os assuntos por eles designados se fazem notar.

Pois bem, voltemos ao ano de 1937, quando Picasso cria Guernica! Seu Ascendente progredido, que designa ele próprio, após caminhar por todo o signo de Leão, se encontra nos 20 graus de Virgem. Já tinha avistado Júpiter progredido nos 17 graus de Touro e se direcionava ao encontro com Júpiter natal, aos 23 graus de Touro, na casa 10. Desse diálogo entre o sujeito e seu Almuten, que agora se olhavam por um harmonioso trígono, sabemos que algo marcante do destino se anunciava.



Progressão Secundária de Pablo Picasso para o dia 01/05/1937

Sol, Vênus e Mercúrio progredidos se encontravam no signo de Sagitário, sua casa 5, todos agora sob a regência de Júpiter. Astrologicamente é como se todos os assuntos representados por esses astros estivessem nas mãos do guardião do destino. Dentre eles destaco aqui: o Sol que representa o próprio Picasso, nascido com Ascendente em Leão; Vênus, regente das artes, a quem sua carreira é dedicada e Mercúrio, seu pensamento, sempre voltado para as questões de sua terra natal.

Este encontro ainda era testemunhado por seu luminar principal, a Lua, que após voltar ao seu ponto de origem, nos 8 graus de Sagitário, tocaria Vênus no grau 13, Mercúrio no grau 19 e, no grau seguinte, faria aspecto exato com o seu Ascendente progredido, quando então se encaminharia ao encontro do Sol progredido, aos 28 graus. Neste percurso a Lua ia reavivando os temas que cada um desses planetas simbolizava. O quadro foi feito em apenas um mês, exatamente o tempo em que a Lua se separava da conjunção com Mercúrio no grau 19 e aplicava uma quadratura exata ao Ascendente progredido, no grau 20. A conjunção com o Sol, no último grau de Sagitário, finalizaria em grandioso estilo um ciclo cujo clímax se deu com a criação de Guernica.

Este acontecimento, portanto, se deu sob uma conjunção de Sol, Lua, Vênus e Mercúrio em Sagitário. Todos estes astros sob a regência de Júpiter, seu Almuten que, ao mesmo tempo, recebia um trígono de seu Ascendente progredido.

O MITO DA MEDUSA

Júpiter encontra-se conjunto à estrela fixa Algol, a cabeça da Medusa. Conta, então, o mito que essa era uma sacerdotisa do templo de Atena, a deusa da justiça, e que após ser violentada por Poseidon, foi injustamente castigada pela deusa, que a transformou na horrível figura com cabelos de serpentes e olhos petrificantes.

Perseu, o herói desafiado pelo rei Polidecto, parte em busca da cabeça da Medusa. Ao chegar em seu esconderijo, se aproxima usando um escudo polido como espelho para refletir a imagem da górgona. Sem fitá-la diretamente nos olhos consegue decapitá-la sem ser transformado em pedra. Com a cabeça da Medusa em mãos, no

caminho de volta à sua terra, faz Cetus, o monstro, virar pedra. De força violada a força vingadora, a cabeça da Medusa é forjada em escudo de proteção. Da decapitação da Medusa, nasce Pégasus, o maravilhoso cavalo alado que, voando alto, pousou no monte Hélicon. Ali, no local onde seu casco tocou, surgiu um límpido manancial, que passou a ser a fonte das musas, a origem das artes. Perseu, Atena, Medusa, e Pégasus são todos faces de uma mesma narrativa.

Em analogia, a tela de Picasso é como o escudo polido de Perseu, que reflete a imagem do horror. Através da pintura, ao denunciar a violência, a violação e a injustiça, o pintor, assim como o próprio Perseu, transforma a tragédia em amuleto, em escudo de proteção e arma contra seus inimigos.

Como a cabeça da Medusa é de onde nasce Pégaso, o cavalo de asas douradas, essas que são relacionadas à criatividade, as quais elevam o pensamento. Desse modo, decapitar a Medusa é também libertar Pégaso, nos elevar à fonte das artes.

Sob as vestes desse mito, Picasso, diante da injustiça contra o povo espanhol, defende e ataca, criando seu próprio escudo e arma, Guernica. E, como ele mesmo disse, “A arte é perigosa sim” e “Pinturas não são feitas para decorar apartamentos, são armas de guerra”. Ou seja, as cabeças decapitadas de Guernica libertam o grito do povo espanhol até então oprimido, silenciado pela dor. Agora, é permitido chorar, gritar mas, também, contra atacar.

UMA BANDEIRA CHAMADA GUERNICA

Guernica conta a história de um bombardeio aéreo que, em 3 horas, matou um terço da população de uma pequena cidade da Espanha, terra natal de Picasso. Enquanto a população despertava da sesta, ondas sucessivas de bombas infligiam uma tempestade de destruição. -Temendo morrer queimados dentro de suas casas, os moradores correram para as igrejas, onde acreditavam que estariam seguros ou precipitavam-se pelas ladeiras íngremes para se refugiar nos campos dos arredores. Porém, eles agiram exatamente como previram os agressores, que descarregavam suas metralhadoras sobre os civis indefesos. Cadáveres começaram a se amontoar

nas ruas. Inclusive, o comandante da operação declarou que a ação foi um sucesso no que se referia ao efeito de aterrorizar civis. Guernica foi a primeira oportunidade que os alemães tiveram de ensaiar o que se tornaria um procedimento padrão na segunda guerra mundial, poucos anos depois.

Desenhado esse drama histórico, voltemos ao mapa natal do pintor. O Fundo do Céu, outro nome que damos à casa 4, representa a terra natal, as raízes, o chão, a base. Mercúrio, o planeta mensageiro, assim como o Sol, portador das certezas que nascem junto com Picasso, se enraizaram ali, marcando profundamente sua identidade com as questões de suas origens.

Mercúrio, por reger as casas 2 e 11, que estão nos signos de Virgem e Gêmeos, também carrega o simbolismo daquilo que sustenta a própria vida e seus feitos. O comunicador Mercúrio, na base do mapa, como matéria-prima da qual uma existência se funda, contribui para o que sustenta o próprio sujeito.

Na casa 4, Mercúrio e Sol se encontram no signo de Escorpião, por isso tomamos o combativo Marte como disporitor dos comunicados que este artista nos traz. Marte mora no território da Lua, que², por sua vez está conjunta a Antares, uma estrela da natureza de Marte, a qual destina coração ardente, cetro e reino através da coragem. Aqui é importante salientar que Mercúrio faz oposição a dois astros significadores das altas esferas do poder, a saber, Júpiter e Saturno. Estamos diante de um grande confrontamento. Qual seria, então, a arma de Picasso?

Na progressão para 1º de maio de 1937, Mercúrio adquire maior relevância, regendo tanto o Ascendente quanto o Meio-do-Céu progredidos, dois pontos vitais. Desse modo, o protagonismo de mercúrio nesta nova configuração nos leva a observar seu trajeto, a saber, de Escorpião para Sagitário, de um signo de Marte para um signo de Júpiter.

À época, Picasso disse “Eu sei que terei grandes problemas com esta pintura, mas estou determinado a fazê-la, nós temos que nos armar para a guerra que virá”.² Assim, em maio de 1937, -Mercúrio nascido com as roupas de Marte levantava a bandeira de Júpiter. Denunciava o horror da guerra que assolou sua terra natal, desafiando o poder da poderosa Alemanha. Picasso e seu Mercúrio-Escorpião

² RICHARDSON, John. A Life of Picasso – The Minotaur Years, 1933 –1943. Alfred A. Knopf, New York, 2021.

defendiam sua terra natal e, tendo progredido para Sagitário na quinta casa, entrava em combate empunhando pincel e tinta. Assim, nasce Guernica, uma das maiores obras de arte do século XX. Tela viva e atuante, que segue desafiando o poder ao ponto de ser censurada em pleno século XXI, na ONU. Foi, portanto, com uma obra de arte nas mãos e um ideal de justiça na cabeça que Picasso foi à guerra!

